
APRESENTAÇÃO

Nesta edição deste periódico *Fragmentum*, abrimos espaço para trazer à baila retalhos da história do Curso de Comunicação Social da UFSM e algumas reflexões sobre a relação marcada que se constitui entre os estudos da linguagem, o ensino (estudo e pesquisa) e a formação das profissões midiáticas.

A associação da comunicação e da linguagem nos sujeitos sociais é tão aparente quanto complexa. No entanto, a Linguística, como Ciência, só recentemente se impôs. O lugar da Linguística presentifica-se no desenvolvimento das ciências da linguagem na segunda parte do nosso século XX. Este contexto é decisivo para a compreensão de que os estudos da comunicação passam, inevitavelmente, pela compreensão da linguagem.

Neste sentido, conceitos e teorias elaborados no quadro da Linguística Geral, da Teoria Literária, da Teoria da Literatura, da Semiótica e de áreas interdisciplinares tais como a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Pragmática e a Teoria e Análise do discurso, projetaram sobre os processos comunicativos e suas relações, na e com a sociedade, novas luzes e, portanto, inter-relações teóricas frutíferas no âmbito acadêmico. Daí que os estudos da comunicação tenham dialogado com as ciências da linguagem na busca por fundamento e orientação.

Pontualmente, nesta edição, tratamos de apresentar o percurso histórico da fundação do curso de Comunicação Social da UFSM, recuperando pedaços desta memória, através do testemunho, da vivência profissional e acadêmica do jornalista aposentado e ex-professor de Radiojornalismo, senhor Quintino Corrêa de Oliveira.

Professor Quintino foi um dos primeiros professores integrantes da Faculdade de Comunicação Social da UFSM, fundada em 1971, após *ad referendum*¹ do então Reitor/Fundador da Universidade Federal de Santa Maria, professor Dr. José Mariano da Rocha.

¹ No dia 4 de novembro de 1971, o Reitor José Mariano da Rocha Filho efetiva sua determinação de criar o Curso de Comunicação Social. Através de uma decisão "Ad referendum", ou seja, uma decisão tomada sem a participação dos Conselhos Superiores da Instituição, autorizou o funcionamento do Curso de Comunicação Social.

Nosso entrevistado é um exemplo da memória ativa e engajada que se fez partícipe em um momento político brasileiro tão repressivo quanto limítrofe para a construção do que, hoje, podemos chamar de liberdade de expressão. Formado pela *escola da prática* do jornalismo radiofônico, efervescente no País e em Santa Maria entre as décadas de 40 e 60, professor Quintino representa o lugar e a identidade de uma geração de profissionais de comunicação que viram nascer, em seu fazer informativo nas rádios e nos jornais da cidade, um espaço institucional² para formação acadêmica dos já, jornalistas e comunicadores de fato, que construíram carreira nos meios de comunicação deste período.

Apegado à detalhada lembrança de seu percurso como radialista e professor de Radiojornalismo, Quintino de Oliveira remonta em seu dizer, a partir de uma memória que se estrutura desde a infância, a descoberta de sua paixão pelo rádio e os primeiros passos trilhados rumo à escolha profissional que o fez radialista por mais de vinte anos e professor de Radiojornalismo da FACOS (Faculdade de Comunicação Social) por mais quinze.

A partir do relato do professor Quintino, nos vimos instados a salientar um aspecto determinante para a compreensão histórica e política acerca da fundação das Faculdades de Comunicação nas instituições federais de ensino superior brasileiras, a partir do final dos anos 60, e estendendo-se ao longo da década de 70.

Diante dos acontecimentos da época, faz-se imperativo abordar o contexto histórico em que as bases acadêmicas da Comunicação Social vêm construir seus fundamentos. O ensino da comunicação no Brasil tem uma trajetória particular, especialmente no que se refere à política centralizadora que se consolidou durante os anos do autoritarismo pós-64. Professor Quintino nos relata, em entrevista, o clima tenso e repressivo que permeava corredores e salas da Universidade, o “cuidado” que os professores eram obrigados a ter com as palavras, os temas, as discussões em aula; bem como o deflagrado desafio de dialogar com os alunos contestadores e atentos, que faziam e fazem, de acordo com nosso entrevistado, o perfil dos estudantes de comunicação social. Nas palavras de Quintino, este contexto tornou-se uma constante

² As informações detalhadas e os dados históricos precisos sobre a fundação da Universidade Federal de Santa Maria podem ser encontrados na obra: ISAlA, Luiz Gonzaga. **UFSM: Memórias**. Santa Maria: gráfica e editora Pallotti, 2006. E também no site: <http://www.ufsm.br/30anoscomunicacao/>, comemorativo ao aniversário de 30 anos do Curso de Comunicação Social da UFSM.

naquele momento. De um lado, jovens ávidos e idealistas, e de outro, uma política de repressão atenta e vigilante.

A partir do relato supramencionado, atentamos para outro exemplo importante da política centralizadora, imposta no período de ditadura, e sua repercussão na formação universitária: o currículo mínimo, pelo qual todas as Universidades eram obrigadas a obedecer as determinações de uma prescrição repassada e devidamente fiscalizada pelo governo federal. Não havia, portanto, liberdade para que as escolas de comunicação pudessem interagir com as comunidades, adotando planos de ensino compatíveis com a demanda local e mesmo projetos de extensão e pesquisa.

Somente após a transição democrática, decorrência do preceito constitucional de 1988, as escolas de comunicação passaram a buscar alternativas de adaptação do espaço teórico com o mercado de trabalho.

A partir de 1999 houve a elaboração de um novo currículo que foi implementado em março de 2004, um projeto político pedagógico que proporciona maior autonomia aos três cursos da área de comunicação existentes na UFSM: Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas.

No rememorar de sua carreira e da memória cunhada neste período, professor Quintino ressalta aspectos que considera decisivos para a efetiva criação do Curso de Comunicação Social na UFSM, da mesma forma que lança um olhar crítico e reflexivo sobre os programas de formação das faculdades de comunicação e sua relação com a sociedade, especialmente em relação ao mercado de trabalho para os comunicadores, e seus modos de mediar o que é factual e informativo. De acordo com Quintino, ainda é por meio do diálogo da experiência de outrora com a realidade social e profissional da atualidade, que uma formação engajada e consciente pode construir o futuro da comunicação e determinar os contornos da função social e democrática que compete aos veículos de comunicação.

Caciane Souza de Medeiros
UFSM/PPGL - Laboratório Corpus
Dezembro, 2008.